

Inflação irá a dois dígitos

JORNAL DO BRASIL — Há duas semanas houve um coro muito forte de que o Plano Bresser fracassou, que não deu certo, com o número de 6% de inflação em agosto tornando-se decepcionante em relação ao que o Plano se propunha. Agora começa o curso do descongelamento — num clima de risco e de nervosismo — fazendo-se reajustes mensais de salário e um aumento de preços controlado de tal forma que não fraude ainda mais a política salarial. A questão que se coloca, aproveitando a experiência desastrosa da hiperinflação com reajustes de 20% a cada mês, é como será a administração agora dessa corrida de preços e salários?

Mário Henrique Simonsen — Acho que o mérito do Plano Bresser foi o de não querer fazer a mágica do Cruzado, não querer fazer a inflação zero. Mesmo assim eu acho muito difícil conseguir manter a inflação em 6% ao mês só pela administração de preços. A minha impressão é que cuidamos dos aspectos anestésicos e cada vez mais desprezamos os aspectos fundamentais da inflação. O déficit público continua mais ou menos na mesma e a expansão monetária vai bem, obrigado. Todas as causas fundamentais apontam para uma inflação mais alta, na casa dos dois dígitos, semelhante àquela de antes do Plano Cruzado.

Francisco Lopes — Parece que a sociedade ansia por um passe de mágica, tanto que a inflação de 6% em agosto gerou uma expectativa, uma certa histeria. É bom entender que essa inflação residual de 9% que tivemos até agora (acrescentados os 3% de julho) não tem nada a ver com demanda, com déficit público nem com moeda. Essa inflação foi claramente inercial, produzida pela inflação residual passada e pelos aumentos corretivos que o governo decidiu fazer, como o corte no subsídio do trigo.

Simonsen — Se você for analisar mês a mês a taxa de inflação, você sempre vai encontrar uma explicação inercial. Só que a inércia de hoje foi a demanda de ontem. (Risos)

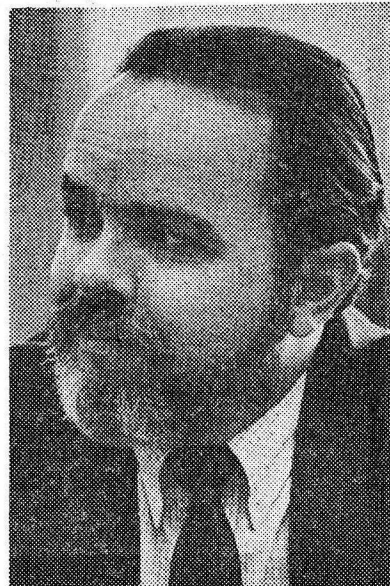
Lopes — A inércia de hoje foi a inflação de ontem, que foi a inércia de outras inflações e aí podemos chegar até a época de Pedro Álvares Cabral. A inflação não é só inercial, estamos falando de momentos específicos, como o da inflação de agosto. Temos que entender que o congelamento continha a decisão deliberada de não mirar uma inflação muito baixa. Era possível ter definido, como fez o Cruza-

do, não acertar o subsídio do trigo, não realinhar preços-chaves da economia como o do aço e o da energia. Aí estaríamos falando de uma inflação menor. Acontece que foi correta a decisão corajosa de fazer o realinhamento, porque se no ano que vem tivermos uma inflação entre 10% e 12%, sendo pessimista, podemos almejar através de uma administração competente a redução nesse índice. Com uma inflação como a de antes do Cruzado estaremos numa situação melhor, porque saímos de uma inflação de 25%, mesmo dando um realinhamento brutal nos preços.

César Maia — Estamos notando que as empresas estão com nível de preços, em muitos segmentos do comércio e da indústria, que não está remunerando o capital, mas apenas cobrindo custos. Existe uma expectativa de reajustes, mas eles também estão seguros pela falta de demanda por causa da queda dos salários. Acho que isso não se sustenta por mais três ou quatro meses. Não sei como uma sociedade aberta vai conseguir manter esse padrão salarial muito baixo.

Paul Singer — É possível, por algum tempo, se alcançar um equilíbrio que permita controlar os aumentos de preços, mas isso implica na manutenção de taxas quase zero de crescimento e, portanto, nenhuma distribuição de renda, que a meu ver continua sendo o grande objetivo da sociedade brasileira.

Dionísio Dias Carneiro — Uma das aventuras do decreto do plano Bresser foi criar um teto (a URP) para o reajuste dos preços no fim do período de congelamento. Só que o próprio governo, diante da avalanche de pedidos de aumentos de preços, começou a dizer que nenhum reajuste iria superar 10% e, com isso, criou um piso antecipando a realidade de uma inflação de dois dígitos. Uma perspectiva que estava para o final do ano ou início do próximo foi trazida para setembro. Agora há o risco de o plano se desmoralizar muito rapidamente e a possibilidade de *otenização* (reajustes de preços e salários pela variação da OTN) é muito mais imediata. E eu tenho medo de uma *otenização*, uma indexação, muito mais rápida na economia. No gatilho você ainda limitava os reajustes em 20%, mas na indexação plena não há limite. Portanto, qualquer choque inflacionário reflete imediatamente nos preços e nos salários criando uma instabilidade destruidora da perspectiva da taxa de inflação.



Rogério Werneck

"Tese de Bresser sobre o déficit é extemporânea"

Arquivo



Cesar Maia

"Deságio é só discurso para o público interno"